

De Roncesvales ao Contestado: resignificações da memória carolíngia na Península Ibérica e no Brasil

JOSÉ RIVAIR MACEDO*
MÁRCIA JANETE ESPIG**

Resumo: O presente artigo sintetiza o longo processo do desenvolvimento e da difusão da tradição carolíngia, desde seu início, na Idade Média, até os dias atuais, na cultura popular brasileira. Analisa também a relação entre o episódio mítico da batalha de Roncesvales, verificando a importância que assume sobre o movimento do Contestado (1912-1916).

Abstract: This article studies the secular development of the Carolingian tradition, from the beginning in Middle Ages to present days, in Brazilian popular culture. Analyses too the cultural relations between the legendary battle of Roncesvales and the War of Contestado (1912-1916).

Palavras-chave: Ciclo carolíngio. Cultura popular brasileira. Guerra do Contestado.

Key words: Carolingian cycle. Brazilian popular culture. War of Contestado.

Que relação poderia existir entre a batalha de Roncesvales, episódio pertencente ao âmbito da imaginação ocidental desde a Idade Média, e os eventos da Guerra do Contestado, travada por sertanejos catarinenses nas primeiras décadas de nosso século? Embora aparentemente inexista qualquer influência direta entre eventos ou situações tão distanciados temporalmente, e tão diferentes em sua natureza, ainda assim certas conexões podem ser

* Doutor em História Social pela FFLCH-USP. Professor no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mespig@cpovo.net

estabelecidas. Evidentemente, tais conexões não devem ser procuradas em operações mentais tendentes a localizar causas e efeitos, nem em operações destinadas a equacionar correlações factuais. Mas alguma possibilidade de leitura se revela, quando levamos em conta a complexidade das dinâmicas culturais, sobretudo quando enveredamos pelo campo das tradições culturais.

Roncesvales e os sertanejos do Contestado estiveram relacionados entre si no momento em que, segundo consta, o monge José Maria leu para o seu auditório as aventuras contidas no livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*. Ao fazê-lo, criou possibilidades para a resignificação de um conjunto de imagens bastante antigo em todo o Ocidente cristão, capaz de conferir sentidos e valores fundamentais às camadas populares envolvidas naquele conflito sócio-religioso, ocorrido em terras catarinenses entre 1912 e 1916. Para começar, cabe apontar que conjunto de imagens encontra-se vinculado ao conjunto de imagens presentes no universo configuracional carolíngio.

A batalha de Roncesvales, tal qual veio a ser tratada pela primeira vez no texto da célebre *Chanson de Roland*, jamais ocorreu. Carlos Magno, um de seus protagonistas principais, governou o Reino dos Francos entre os anos 768 e 814 da era cristã. O fundador do Império Carolíngio situa-se entre os principais monarcas do Ocidente como o modelo de rei cristão. Seus sucessos militares em toda a atual França, Alemanha e Itália contribuíram decisivamente para que lhe fosse atribuído o qualificativo de “o Grande”, e para que viesse a liderar a maior unidade territorial do Ocidente posterior à fragmentação do Império Romano.

Em meio às glórias que rodearam Carlos Magno, apenas um acontecimento secundário constituiu um fracasso. Quando se dirigiu com suas hostes guerreiras em direção aos territórios da Península Ibérica para combater os muçulmanos, viu-se às voltas com o sabor da derrota. No dia 15 de agosto de 778, suas tropas passavam pelos desfiladeiros dos Pirineus, de retorno ao norte da Europa, quando foram atacadas e sofreram um revés. Fato de pequena monta, ou episódio não adequado para ser lembrado na posteridade, por uma ou por outra razão os panegiristas e cronistas carolíngios não deram a devida atenção ao caso, registrando-o com bastante parcimônia.

Levando em conta o testemunho de Eginardo, principal biógrafo do imperador, naquele ano Carlos teria atravessado os Pirineus, atacado as terras da Espanha e submetido todas as fortalezas que encontrou pela frente. No retorno, todavia, a retaguarda das

tropas veio a ser surpreendida numa emboscada preparada pelos bascos, sendo rapidamente massacrada. Para o escritor, a estreiteza dos vales, o desconhecimento do terreno pelos francos e a escuridão da noite contribuíram para o resultado desastroso. No combate, sucumbiram todos os integrantes da retaguarda, entre eles, o Senescal Eggihard, o conde Anselmo, e um certo Rolando, duque da Marca da Bretanha.

Considerando a época e as circunstâncias sociais do Império Carolíngio - Estado erigido e sustentado na guerra -, o fato nada teria de excepcional, não fosse uma particularidade: o massacre nos Pirineus permaneceu como o único registro de uma derrota das tropas carolíngias que não pôde ser reparada. Em sua descrição, Eginhardo arrola uma série de justificativas para explicá-la, e lamenta que os mortos jamais pudessem ter sido vingados: "Neque hoc factum ad praesens vindicare poterat, quia hostis, re perpetrata, ita dispersus est ut ne fama quidem remaneret ubinam gentium quaeri potuisset."¹

Carlos Magno e Rolando no imaginário medieval

Três séculos depois, já no domínio da imaginação literária, o obscuro episódio no sopé dos desfiladeiros pirenaicos transformou-se na colossal batalha de Roncesvales: Hruodlandus, o obscuro duque da Bretanha, cujas crônicas contemporâneas registraram apenas o nome, transformou-se em guerreiro audacioso e sobrinho do imperador; o Carlos Magno histórico, por sua vez, cedeu passo diante do velho imperador da "barba florida"; o confronto com o inimigo assumiu as feições de uma "Guerra Santa", de proporções apocalípticas, e os bascos, minoria étnica inexpressiva no mundo franco, cederam lugar aos muçulmanos, inimigos em potencial da Cristandade.

Atribuída ao escritor anglo-normando Turoldo, e composta hipoteticamente entre os anos 1087 e 1090, a *Chanson de Roland* encontra-se entre as obras mais conhecidas de toda a Idade Média. Trata-se, na realidade, de texto fundador da literatura ocidental. Narra os feitos e as glórias dos francos na luta contra o rei muçul-

¹ ÉGINHARD. *Vita Karoli Magni imperatoris*. Éditée et traduite par Louis HALPHEN (Les classiques de l'histoire de France au Moyen Age). Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1947, p. 29-31: "Nunca a derrota pôde ser vingada em campo, porque a hoste, logo depois do golpe, se dispersou tão rapidamente que ninguém pôde saber em qual canto do mundo foi se esconder".

mano Marcílio, governante da cidade espanhola de Saragossa, e contra o Emir da Babilônia, chamado Baligant.

Aqui, Rolando apresenta-se como o condutor de toda a retaguarda do exército de Carlos Magno, seguido pelos doze melhores guerreiros do reino: os Pares de França. Traído e entregue aos sarracenos por seu padrasto Ganelão, o herói, junto com seu inseparável companheiro de armas Olivério, com o Arcebispo Turpin e os demais cavaleiros da *Doce França* resistem bravamente ao ataque traiçoeiro dos muçulmanos, lutando nos desfiladeiros de Roncesvales até caírem um a um. Após o desastre, Carlos Magno retorna ao cenário fatídico, dando combate a Baligant até aniquilar o exército sarraceno, batizando em seguida todos os adversários que escaparam da carnificina. Ganelão, o responsável pela tragédia, é julgado, condenado e executado.²

O episódio da morte de Rolando ficou registrado na memória dos ocidentais como o exemplo pungente da epopéia cristã na luta contra o mouro infiel. Cantada às vésperas das primeiras cruzadas, seus personagens principais incorporaram indubitavelmente o clima da Guerra Santa: de um lado, estão Rolando e seus companheiros, heróis e mártires da cristandade; ao centro, os sarracenos, detestáveis e satânicos inimigos da fé; de outro lado, o imbatível Carlos Magno, vencedor absoluto e vingador implacável. Perpetuado pela tradição oral e incentivado pelos escritores, parece não haver dúvida quanto ao fato de que o episódio de Roncesvales tenha permanecido no ápice de toda a “matéria carolíngia”.

A apropriação da memória do governante carolíngio apresenta-se ao historiador sob variados aspectos. A evocação do nome e dos feitos de Carlos Magno atendia a diversas necessidades e interesses. No decurso dos séculos, as ramificações dessa lembrança tomaram os mais variados rumos, formando um universo de representações difícil de ser apreendido em sua totalidade. As menções, alusões ou apropriações da figura do soberano mítico dirão respeito algumas vezes aos monarcas europeus, outras vezes à nobreza, ao clero ou ao povo. A permanência da lembrança estará relacionada à produção intelectual erudita proveniente do meio eclesiástico, do meio aristocrático letrado, ou de uma tradição oral de cunho popular.³

² *La Chanson de Roland*. Éditée par Joseph Bédier. Paris: Librairie d'Art H. Piazza, 1948.

³ Os elementos ideológicos presentes nas canções de gesta têm sido observados seja por eruditos antigos, como GAUTIER, Léon. *L'idée politique dans les chansons de geste*. *Revue des Questions Historiques*, v. 7, 1869, p. 176-193, seja em trabalhos recentes, entre os quais deve-se destacar BOUTET, Dominique. *La politique et l'histoire*

As pesquisas mais exaustivas a esse respeito foram efetuadas por Robert Folz. Com base em documentação diversificada, esse investigador estabeleceu a influência da memória carolíngia no Sacro Império Romano Germânico. Do século IX ao XV, a figura póstuma de Carlos Magno veio ao encontro dos mais díspares interesses dos grupos sociais que a ela fizeram referência. Um determinado mosteiro ou bispado encontrava-se em litígio judicial envolvendo propriedades ou direitos? O nome de Carlos Magno ou de Rolando, registrados em documentos forjados, davam garantia de salvaguarda ao que se pretendia. Uma família aristocrática, no desejo de enobrecer sua estirpe não via obstáculos para localizar em sua origem uma filiação direta, indireta, ou pelo menos uma identificação qualquer com o imperador carolíngio. Essa ascendência serviu de suporte ideológico a todas as dinastias do império germânico medieval: Otônidas, Hohenstaufen e Habsburgos reivindicaram a proteção do velho ancestral, utilizando-a como arma na luta contra o poder papal ou contra as pretensões de outros governantes.⁴

A geografia da memória carolíngia espera trabalhos de sistematização. Os romanistas e especialistas em história da literatura européia produziram trabalhos de caráter monográfico, que ainda não nos permitem formar uma visão de conjunto. Na Europa Ocidental, tanto quanto na Europa Oriental, muito resta a ser feito. Contentemo-nos com alguns indícios.

Estudando a epopéia iogoslava medieval, N. Banasevic demonstrou muito bem a influência do universo configuracional carolíngio nas tradições culturais da Europa Oriental. Seja em alusões ou citações, a presença do guerreiro mítico se fez sentir nas criações poéticas iogslavas desde o século XII, persistindo até o século XV. A popularidade de Rolando revela-se na quantidade de nomes de pessoas registradas em documentos desde o fim do século XI: em algumas localidades, como Split e Dubrovnik, aparecem vários personagens portando o nome de Rolandus, Uurlandus

dans les chansons de geste. *Annales ESC*, 1976, p. 1119-1133. Cf. DUFURNET, Jean. Autor de charlemagne et d'Arthur. *Le Moyen Age*, C (5^e série, tome 8) n. 2, 1994, p. 255-261.

⁴ FOLZ, Robert. *Le souvenir et la légende de charlemagne dans l'Empire Germanique médiéval*. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1950.

ou Orlandinus.⁵ Na Hungria, os nomes Rolando e Olivério eram bastante comuns no século XIII.⁶

A tradição rolandiana conheceu excepcional divulgação, exercendo influência não apenas nas criações literárias, mas também na iconografia e nas tradições orais. Os gestos e atos do guerreiro épico foram registrados em esculturas e pinturas na Alemanha, Itália, França e Espanha.⁷ Rolando também povoou a imaginação popular: ruas, rios, montes e até mesmo ruínas acabaram sendo associados ao seu nome. Ao longo dos séculos, não faltaram pessoas convictas de tê-lo visto ou então de possuírem seus objetos (sua espada, seu escudo, seu elmo, etc.). Num fragmento da Crônica italiana atribuída a Thommaso Tusco, há a história de um certo Ricardo, que teria vivido no século XII, na época de governo do imperador germânico Frederico Barbaruiva. Ele afirmava ter sido escudeiro de Olivério e dizia ter acompanhado seu senhor, junto com Rolando e Carlos Magno, até a cidade de Ravena.⁸

A área de maior cristalização da memória carolíngia corresponde geograficamente ao norte da atual França. Parece não haver dúvida quanto ao fato de Carlos Magno e Rolando terem sido sempre associados aos francos, habitantes da parte ocidental do *Regnum Francorum*. Da mesma forma que no Império Germânico, mas com maior intensidade, as dinastias medievais da França reivindicaram a ascendência carolíngia, identificando-se com ela.

Boa parte da ubiqüidade de Carlos Magno se deve às criações de proveniência clerical. Em defesa própria, a serviço de famílias nobres ou de dinastias reais, os clérigos adicionaram lentamente ingredientes novos ao elenco de ações daquele soberano ideal. Em geral, as ações imaginárias estiveram associadas aos sistemas de valores do Cristianismo. Carlos exemplificou melhor que ninguém o líder defensor da religião e disseminador da fé cristã, tornando-se uma espécie de arquétipo do *Rex Cristianissimus*. A luta contra os pagãos e sarracenos, enfatizada continuamente, ocupou o primeiro plano nos textos responsáveis pela preservação de sua memória. A mistificação atingiu o ápice no século XII, quando Carlos

⁵ BANASEVIC, N. Les chansons de geste et la poésie épique iougoslave. *Le Moyen Age*, LXVI, 1-2, 1960, p. 125-126.

⁶ VAJAY, S. de. Rayonnement de la Chanson de Roland. Le couple anthroponymique "Roland et Olivier" en Hongrie Médiévale. *Le Moyen Age*, LXVIII, 3-4, 1962, p. 322-323.

⁷ LE GENTIL, Pierre. La légende de Roland dans l'Art du Moyen Age (Rita Lejeune). *Le Moyen Age*, LXXIV, 1, 1968, p. 87-89.

⁸ PUYMAGRE, Theodore de. Roland dans les traditions populaires. *Revue des questions Historiques*, XIV, 1895, p. 521-522.

recebeu uma Bula de Canonização do papa Pascoal III em 29 de dezembro de 1165, a pedido de Frederico Barbaruiva. Daí em diante, passou a ser São Carlos Magno.⁹

Mas a imagem póstuma do imperador da “barba florida” tinha vitalidade suficiente para atender às demandas espirituais de grupos muito diferentes entre si. Se para os cristãos Carlos era encarado como o baluarte da fé, para os judeus, tremendamente marginalizados pela religião oficial cristã, era considerado uma espécie de messias. Fato excepcional, uma vez que raramente alguém não pertencente à comunidade judaica costumava ser enaltecido pelos cronistas hebraicos medievais. Carlos foi uma das raras exceções. Ele era exaltado nas crônicas francesas do século XI, tratado como o “rei ideal”, o herói por excelência, o líder perfeito. Ao seu lado, evocava-se Rabbi Makhir, supostamente um judeu de sangue real que o carolíngio mandou buscar no Oriente e a quem entregou um extenso domínio territorial na cidade de Narbona, ao sul da França. Nas crônicas judaicas alemãs, o próprio imperador era identificado como o “Novo Davi”, o reimesias tão esperado, o líder capaz de trazer algum alento ao povo perseguido.¹⁰

A alimentação de expectativas messiânicas e milenaristas centradas na figura póstuma de Carlos Magno não se restringiu aos judeus. Um pouco por toda parte, a tradição popular lhe reservou o papel do líder adormecido, que um dia retornaria para guiar os cristãos. No imaginário coletivo dos ocidentais, desde pelo menos o século XI cristalizou-se a lenda de sua peregrinação ao Oriente, de sua visita a Jerusalém e a Constantinopla, da vitória sobre os infiéis e a unificação de toda a Cristandade, tema tratado com certa ironia na canção de gesta denominada *La Pelerinage de Charlemagne à Jérusalem et à Constantinople*.¹¹

A lenda do *Carolus Redivivus*, libertador dos cristãos antes da vinda do Anticristo e dos eventos do Juízo Final, resistiu ao tempo e serviu de fonte inspiradora aos defensores da política dos monarcas franceses. Alguns reis vieram a ser identificados idealmente com o predecessor longínquo, e apresentados como os continua-

⁹ Cf. FOLZ, Robert. La chancellerie de Fréric I et la canonisation de Charlemagne. *Le Moyen Age*, XIX, I, 1964, p. 518-530. — . *L'idée d'Empire en Occident du V au XIV siècle*. Paris: Aubier-Montaigne, 1953, p. 188-195.

¹⁰ GABROIS, Arieh. Le souvenir et la légende de Charlemagne dans les textes hébraïques médiévaux. *Le Moyen Age*, LXXII, 1966, p. 5-41.

¹¹ TYSENS, Madeleine (Trad.). *Le voyage de Charlemagne à Jérusalem et à Constantinople*. Gand: Ed. Scientifiques E. Story-Scientia, 1978.

dores de suas façanhas quiméricas: talvez o melhor exemplo dessa associação tenha ocorrido com Carlos VIII de Valois, comparado em 1485 por um poeta de Bordeaux ao Velho Carlos, de quem deveria ser o substituto na tarefa da pacificação e dominação universal.¹²

A memória carolíngia, o Ocidente peninsular e o Novo Mundo

Face ao exposto, não surpreenderia a afirmação de que a memória carolíngia tivesse desempenhado algum papel nas tradições culturais da Península Ibérica. Não será preciso reiterar que todo o cenário da gesta carolíngia dizia respeito àquele contexto histórico e geográfico, e que, para os peninsulares, o tema da luta entre cristãos e muçulmanos era algo mais que um motivo mítico-literário. De fato, a presença dos fiéis ao Islã em territórios dos atuais Espanha e Portugal efetivou-se desde o princípio do século VIII, e, no século XII, momento de maior difusão das canções de gesta, a luta pela Reconquista dos territórios dominados pelos muçulmanos foi determinante para a constituição dos reinos cristãos de Aragão, Castela, Portugal e Navarra.

Assim, no caso do Ocidente peninsular, não só a épica carolíngia se popularizou como, durante muito tempo, perduraram os testemunhos de sua difusão. Entretanto, nem sempre tal matéria esteve ligada à exaltação de Carlos Magno e dos francos. Diversos especialistas das tradições culturais ibéricas do medievo, entre os quais Ramon Menéndez Pidal¹³ e Martin de Riquer,¹⁴ defendem a idéia de que, tanto no sul da França quanto na Península Ibérica, a memória carolíngia teria sido em alguns pontos contestada, ou pelo menos apreendida com olhar diferente daquele até aqui apresentado.

De fato, existem diversos testemunhos escritos que comprovam terem proliferado nos domínios da Languedoc algumas va-

¹² Para o tema de Carlos Magno como o "imperador adormecido", ver COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1981. Quanto aos problemas da apropriação da memória carolíngia com fins messiânicos pelos monarcas franceses, cf. REEVES, Marjorie. Joachimist influences on the idea of a last world emperor. *Traditio*, XVII, 1961, p. 347-349.

¹³ PIDAL, Ramon Menéndez. *La Chanson de Roland et la tradition épique des francs*. Paris: Éditions A. et J. Picard, 1960.

¹⁴ RIQUER, Martin de. *Las chansons de gestes françaises*. Paris: Librairie Nizet, 1960.

riantes da gesta carolíngia com conotações um pouco diferentes da versão presente no *Roland d'Oxford*. Na *Canso d'Antiocha*, escrita supostamente ao final do século XII, as alusões à batalha de Roncesvales sugerem aos leitores ou ouvintes a idéia de que o compositor teria recorrido à tradição oral occitana para relatar a memorável batalha.¹⁵ Dois manuscritos localizados e editados pelo grande romanista francês Clovis Brunel, o primeiro denominado *Roland à Saragosse*, e o segundo *Ronsasvals*, enfatizam os defeitos de Rolando e apresentam os muçulmanos com certa complacência.¹⁶

Por outro lado, mesmo em se tratando de menções localizadas em textos de proveniência clerical, parece que, até pelo menos o século XII, a tradição ibérica divergia da versão nortista no que respeita aos motivos da luta das tropas do imperador carolíngio, chegando a ser francófoba. Segundo um texto de autoria anônima denominado *Nota Emilianense*, escrito entre 1065 e 1075 em San Millan de la Cogolla, Carlos Magno teria sido aconselhado por seus companheiros de armas a aceitar presentes quando esteve em Saragossa, a fim de que o exército franco não morresse de fome e pudesse voltar para a sua terra. A julgar pelas informações da crônica denominada *Historia Silense*, escrita provavelmente em 1109 por um monge anônimo do mosteiro de São Domingos de Silos, a Espanha teria sido abandonada pelos francos e entregue aos muçulmanos, motivo pelo qual o cronista sentia-se irritado ao ouvir falar das falsas vitórias dos francos em sua terra.¹⁷

Essa "rejeição" ao universo carolíngio parece ter sido fruto de um momento em que os peninsulares, em luta aberta contra os mouros, necessitavam de heróis mais próximos, que melhor personificassem o momento e as circunstâncias da guerra de Reconquista. Segundo a historiadora francesa Adeline Rucquoi, no processo de germinação da consciência nacional do reino de Castela, a *Francia* e os francos simbolizavam tudo o que fosse alógeno, ameaçador, sendo tratados em tom abertamente xenófobo. Rodrigo Diaz de Vivar, o Cid, aparece como o herói a ser imitado, contrapondo-se valorativamente aos heróis idealizados Rolando e Carlos

¹⁵ LEJEUNE, Rita. Une allusion méconnue à une Chanson de Roland. *Romania*, LXXV, 1954, p. 145-164.

¹⁶ ROQUES, Mario (ed.). Roland à Saragosse. *Romania*, v. 47, 1942, p. 289-330; LXIX, 1946, p. 317-361. —. *Ronsasvals*. *Romania*, LVIII, 1932, p. 1-28, 161-189; LXVI, 1941, p. 430-480.

¹⁷ HORRENT, Jules. Chroniques espagnoles et chansons de geste. *Le Moyen Age*, LII, 3-4, 1947, p. 278.

Magno.¹⁸ Para Portugal, possivelmente Geraldo Sem Pavor e Afonso Henriques tenham cumprido esse papel de símbolos da luta antimuçulmana.

Mas aquele quadro começou a sofrer alteração já na virada do século XII. Os monges de Cluny e de Cister, que tão importante papel viriam a desempenhar na elaboração de novas concepções de vida e de mundo aos reconquistadores da península, foram os principais difusores do universo configuracional carolíngio em solo ibérico. A eles coube a tarefa de unir tal universo, sobrevalorizado no episódio épico-guerreiro da batalha de Roncesvales, com o significado mítico-religioso da rota de Santiago de Compostela e do culto ao “Apóstolo das Espanhas”, quer dizer, fortalecendo a crença no “Santiago Matamoros”.

Nesse intento, foram amplamente apoiados, entre 1072 e 1109, pelo rei Afonso VI de Leão e Castela. Esse importante governante peninsular teria sido o primeiro a apropriar-se da memória do antigo líder carolíngio e arrogar para si o título imperial, auto-proclamando-se o “Novo Carlos Magno”. Foi durante o seu reinado que teve início a edificação da catedral de Santiago, em 1077, e que começou a se esboçar a rota de peregrinação rumo ao túmulo do santo, elementos importantíssimos na sustentação ideológica da luta contra os “infiéis”.¹⁹

A partir do século XII, a popularidade de Rolando aumentou consideravelmente na península. Por volta de 1170, o rei Sancho, o Sábio, de Navarra, mandou construir em Estela o palácio dos Duques de Granada, no qual se pode ver uma escultura representando um combate entre o guerreiro de Roncesvales e um inimigo lendário, chamado Ferragut.²⁰ Em diversas localidades vizinhas dos Pirineus, a tradição incorporou o cenário das aventuras do invencível herói: montanhas passaram a ser chamadas de “Pedra de Rolando”; fendas e buracos de rochas começaram a ser encaradas como as marcas de seus pés, ou das patas de seu cavalo; sua espada Durindana, encontrar-se-ia num rio próximo da cidade de Toledo, significativamente chamado *El Rio de la Espada*, ou então teria sido enviada ao santuário de Notre Dame de Rocamadour. A

¹⁸ RUCQUOI, Adeline. La france dans l'historiographie médiévale castillane. *Annales E.S.C.*, 44-3, 1989, p. 677-689.

¹⁹ CORREIA, João David Pinto. *Os romances carolíngios da tradição oral portuguesa* (Literatura, 19). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1993. v. 1, p. 121-123.

²⁰ Le Gentil, op. cit., p. 90.

memória coletiva peninsular transformou o guerreiro franco num gigante visitador de grutas, montes e rios.²¹

No século XIII, Jacopo de Varazze dedicou belas páginas da sua *Legenda Aurea* à epopéia do imperador carolíngio na Espanha e na Galícia. Descreve a vitória de Carlos sobre o gigante rei da Babilônia e o pérfido rei Argoland, dois de seus inimigos imaginários. Rolando, depois de morto em batalha cerrada, recebe os qualificativos reservados aos santos. Restabelecendo o culto cristão na Península, o impetuoso imperador teria empreendido uma peregrinação ao túmulo de Santiago de Compostela para reorganizá-lo e garantir-lhe proteção.²² Jacopo extraiu esses dados da crônica do *Pseudo-Turpin* e da *Vita Sancti Karoli*, escritos hagiográficos nos quais afloraram os temas mítico-literários apropriados no século XVI pelo escritor espanhol da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, livro que viria a ser amplamente conhecido no Brasil até o século XX.²³

Ao final da Idade Média peninsular, os temas e motivos do universo carolíngio encontravam-se presentes em todas as suas manifestações culturais, seja no cancionero galego-português,²⁴ em crônicas de reis e de reinos, ou nas comemorações de cunho folclórico. Data justamente de meados do século XV a elaboração de um livro de autoria anônima destinado a fixar as normas de guerra, e as honrarias a quem melhor lutasse contra os mouros, em cujo preâmbulo o escritor afirma ter sido instruído a escrevê-lo pelo “grande imperador Carlos”. Trata-se do *Fuero sobre el fecho de las cabalgadas*,²⁵ talvez a mais antiga menção literária ao ritual popular amplamente divulgado na América hispânica e portuguesa com o nome da luta entre “moros y cristianos”, ou, como é mais conhecido entre nós, as “cavalhadas”.²⁶

²¹ Puymagre, op. cit., p. 519-521.

²² JACOPO DE VARAZZE. *La légende Dorée*. Traduction de J. B. M. Roze. Paris: Garnier-Flammarion, 1967. t. 2, p. 255-267.

²³ Correia, op. cit., p. 132-133.

²⁴ VALVERDE, Jose Figueira. La materia carolíngia en los cancioneros galaico-portugueses. In: *Estudios en homenaje a Don Claudio Sanchez Albornoz*. Anexos de Cuadernos de Historia de España, III, 1985, p. 401-415.

²⁵ *Fuero sobre el fecho de las cabalgadas*. In: Memorial Historico Español: Colección de documentos, opúsculos y antigüedades. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851. v. 2, p. 438-506.

²⁶ O evento festivo marcado pela ritualização do combate entre cristãos e mouros encontrava-se disseminado no Ocidente no século XV. Na Inglaterra, data de meados daquele século uma dança guerreira da qual tomavam parte dois grupos masculinos enfeitados e portando espadas ou pedaços de madeira, conhecida por *Morris Dance*. Cf. PORTILLO, Rafael. Manifestaciones dramáticas de origen folclórico en la

Estendendo-se, como vimos, a inúmeros países do Velho Mundo, a *História de Carlos Magno* possuía grande apelo popular; apesar disto, com o correr dos séculos foi sendo abandonada em vastas áreas. Permaneceu, contudo, no âmbito da língua portuguesa: tanto a Metrópole, que a exportara, quanto algumas de suas Colônias, que prazerosamente a acolheram, mantêm até os dias atuais reminiscências das aventuras carolíngias.²⁷

Foi através de uma narrativa romanceada que essa história conheceu uma difusão inédita em terras lusitanas. Marco fundamental da literatura popular portuguesa, a célebre tradução do castelhano feita por Jerônimo Moreira de Carvalho do livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* foi originalmente publicada em Lisboa em 1728, alcançando freqüentes reedições. A edição castelhana desta obra, organizada por Nicolau de Piemonte, já vinha circulando em terras lusitanas desde 1525. Piemonte, por sua vez, havia produzido sua *Historia del Emperador Carlomagno y de los Doze Pares de Francia, y de la cruda batalla que hubo Oliveros con Fierabras, Rey de Alexandria, hijo del grande Almirante Balán* com base na tradução de uma obra francesa que era dividida em três livros. Embora ainda persistam algumas dúvidas entre os estudiosos sobre que livros exatamente seriam, parece certo que entre eles se encontrava a canção de gesta *Fierabras*, ou *Fier a Bras*, originária do século XII, impressa e reimpressa inúmeras vezes pela famosa Bibliothèque Bleue.²⁸ Na literatura popular francesa dos séculos XVI a XIX, as aventuras de Carlos Magno inseriam-se na tradição dos romances de cavalaria, amplamente divulgados pela Bibliothèque Bleue.²⁹

Tendo publicado a primeira parte da tradução da obra de Nicolau Piemonte em 1728, no ano de 1737 Jerônimo Moreira de Carvalho apresentou ao público a segunda parte. Antes do final do século, acrescentou-se ao livro sua terceira parte, desta vez uma criação peninsular. Tratava-se da história de Bernardo del Carpio, o cavaleiro vencedor frente aos Pares de França no desastroso combate de Roncesvales, que veio completar a clássica *Histó-*

Inglaterra medieval. In: REULA, J. F. Galvan (ed.). *Estudios literarios ingleses*: Edad Media. Madrid: Cátedra, 1985, p. 226.

²⁷ Para uma revisão deste caminho histórico, consultar Correia, op. cit., p. 135-137.

²⁸ *Ibid.*, p. 187/188. Vide ainda CÂMARA CASCUDO, Luís da. Roland no Brasil. In: —. *Mouros, franceses e judeus*. três presenças no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1984, p. 41-48.

²⁹ Sobre a Bibliothèque Bleue, consultar CHARTIER, Roger. Textos e edições: a "literatura de cordel". In: —. *A história cultural - entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990, p. 165-187.

ria de Carlos Magno e dos Doze Pares de França por Jerônimo Moreira de Carvalho dividida em duas partes e nove livros e seguida da de Bernardo del Carpio que venceu em batalha aos Doze Pares de França escrita por Alexandre Caetano Gomes Flaviense.

O livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* é uma obra extensa, composta, no conjunto de suas duas primeiras partes, de 157 capítulos curtos. Ao longo destes, não encontramos uma história ou biografia de Carlos Magno e um enredo estruturado num todo coerente, mas “[...] coligem-se intrigas, episódios, ou mesmo, se quisermos, ‘histórias’, sem haver a preocupação de os articular devidamente - o que sabemos ser devido às diferentes fontes da obra”.³⁰ A *História de Carlos Magno* pode ser considerada, na verdade, como um conjunto de relatos de tramas simples, com episódios transmissíveis e adaptáveis, sobre os quais se apóiam composições novas que oscilam entre a subserviência ao texto inicial e a criação do poeta popular.³¹

Ao contrário do que acontecia em outros países, inclusive na própria França, em terras lusitanas as aventuras carolíngias continuaram sendo bastante difundidas durante o século XIX, recebendo uma afetuosa atenção especialmente por parte das populações rurais. Influenciada pelas propostas e modismos franceses, a cultura portuguesa absorveu a matéria carolíngia, especialmente no campo da literatura popular. Mencionadas por cronistas, dramaturgos e poetas, as aventuras de Carlos Magno e de seus paladinos assumiram três formas principais em terras lusitanas. A primeira delas, a forma de romance, apresentou ao público obras literárias nas quais se contavam histórias relacionadas ao ciclo carolíngio. Exemplifica tal produção a já mencionada *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, de Jerônimo Moreira de Carvalho, o mais proeminente entre os romances carolíngios em Portugal.

Sofrendo a influência desta literatura, encontramos ainda outras duas importantes formas difusoras da cultura carolíngia: os “autos” populares e os folhetos de cordel.

Os “autos” são representações populares nas quais se retratam versões de histórias carolíngias. Sem contar com uma única fórmula para sua apresentação, os “autos” surgem em linguagem de prosa, de verso ou em uma combinatória de ambos os estilos. Esta manifestação cultural continua viva até nossos dias entre as

³⁰ Correia, op. cit., p. 181.

³¹ FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel*. O passo das águas mortas. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 17.

populações portuguesas, sobretudo junto às comunidades rurais, suas maiores apreciadoras. Alguns dos “autos” mais importantes são *Os Doze Pares de França* e o *Auto de Floripes*.

A literatura de cordel mostrou-se também fundamental para a preservação de uma memória sobre o rei franco e seus companheiros, divulgando-a juntamente com outras histórias e narrativas tradicionais. Sua impressão era feita em folhas volantes, soltas, e vendida em praças, ruas, feiras e eventos populares. Atualmente, a tradição dos folhetos encontra pouco espaço em Portugal. Sua sobrevivência, como veremos a seguir, manteve-se sobretudo nas antigas colônias lusitanas, notadamente em nosso país, onde ainda hoje despertam o entusiasmo de poetas populares e de seus ouvintes.³²

A longa tradição oral e a compilação escrita acerca de Carlos Magno e de seus companheiros transportaram-se, juntamente com o elemento colonizador, para terras americanas. Difundindo-se em regiões de colonização espanhola e portuguesa, o início de sua penetração pode ser assinalado já no século XVI, com a conquista do território. Em nosso país a aceitação e a continuidade desta tradição deu-se sobretudo no Nordeste, onde os folhetos de cordel propagaram-se e assumiram grande importância.³³

Além dos folhetos, também os romances carolíngios conheceram uma certa difusão. A principal obra, disseminada sobretudo em zonas rurais da colônia, foi justamente a *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* na tradução de Jerônimo Moreira de Carvalho, muito embora a versão em espanhol de Nicolau de Piemonte já pudesse ser encontrada no Brasil pelo menos desde o século XVII. O forte componente oral desta literatura mostrou-se aqui também importante, já que a obra motivava sessões de leitura em voz alta, proporcionando assim seu aprendizado inclusive pelos analfabetos, que a aprendiam de cor.³⁴ Frequentemente, a *História de Carlos Magno*, em edição espanhola ou portuguesa, era o único livro de leitura encontrado nas grandes propriedades brasileiras.³⁵

³² Correia, op. cit., p. 11.

³³ Com relação à difusão de manifestações semelhantes ao cordel em países latino-americanos como a Argentina, México, Nicarágua e Peru consultar DIÉGUES JR., Manuel. *Literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Min. da Educação/Funarte, s/d, p. 4 e 5.

³⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Três sobrevivências portuguesas na civilização rústica brasileira. In: —. *O campesinato brasileiro*. Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1976, p. 177-193.

³⁵ CÂMARA CASCUDO, Luís da. Informação sobre a história do imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. In: —. *Cinco livros do povo*. Introdução ao estu-

A inserção de obras escritas sobre a gesta carolíngia, seja sob a forma de romance ou de folhetos, acabou por influenciar profunda e decisivamente a cultura popular em nosso país. Muito embora sua matriz encontre-se em uma Europa medieval distante no tempo e no espaço, a jovem nação que então se formava soube apropriar-se de forma inovadora da *História de Carlos Magno*, recriando-a sob uma grande variedade de formas e temas. Seja através de criações artísticas musicais ou literárias, seja enriquecendo manifestações fundamentalmente folclóricas, resquícios da história de Carlos Magno e de seus doze cavaleiros reuniram-se criativamente a outras expressões culturais populares, produzindo manifestações novas.

A memória carolíngia e a cultura popular brasileira

A *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* tem servido, juntamente com a Bíblia, como uma das principais inspirações poéticas nos desafios de cantadores. Este divertimento, presente especialmente em cidades do interior, costuma ser realizado durante festas religiosas ou profanas, quando então os contendores demonstram sua capacidade poética. O desafio consiste na interpelação mútua acerca da história sagrada ou de Carlos Magno. Vence aquele que demonstrar maior sapiência e uma memória mais aguçada. No caso da história carolíngia, as questões dizem respeito aos diferentes Pares e suas aventuras.³⁶ Para os velhos cantadores, afirma Câmara Cascudo, conhecer de cor a *História de Carlos Magno* era demonstrativo de sua “ciência”, e garantia a admiração do público e o respeito dos oponentes: “Não conhecer a *História de Carlos Magno* era ignorância indesculpável, indigna dos bardos sertanejos, mesmo analfabetos. Faziam-na ler, folha por folha, escutando, aprendendo, entusiasmando-se, decorando, repetindo as façanhas, transformando-as em versos, em perguntas fulminantes e respostas esmagadoras”.³⁷

Coube também aos folhetos de cordel a perpetuação de um imaginário carolíngio em nosso país. Estreitamente ligados a uma forte tradição oral de recitação das histórias ligadas a Carlos Mag-

do da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953, p. 439-499, citação à p. 441. Vide também Pereira de Queiroz, op. cit., p. 186.

³⁶ Conforme Pereira de Queiroz, op. cit., p. 187-188 e Câmara Cascudo, *Informação sobre a história do imperador...*, p. 441-442.

³⁷ Câmara, *Roland no Brasil...*, p. 46.

no e seus Pares, a elaboração escrita dos folhetos destinava-se sobretudo a um público rural, por vezes analfabeto, e sua apresentação cantada tornou-se parte da tradição, através da recitação com o acompanhamento de instrumentos musicais.

Muito possivelmente a literatura de cordel tenha sido a mais estudada das manifestações culturais ligadas à matéria carolíngia em nosso país, distinguindo-se por sua forma de apresentação através de pequenas brochuras, impressas em papel inferior (geralmente em tamanho 16x11 centímetros). A denominação cordel surgiu ainda em Portugal, onde tais trabalhos eram postos à exposição pendurados em cordéis ou barbantes. No Brasil, estas criações são genericamente denominadas folhetos, assumindo preferencialmente o gênero de poesia, sendo raríssimo o exemplar em prosa,³⁸ e costumam ser comercializados em mercados e feiras. Além de divulgar histórias tradicionais ou narrativas recolhidas da tradição oral, a literatura de cordel também prestou-se à divulgação de fatos recentes e informações importantes para a população. Transformando-se em um instrumento de comunicação, antecipava-se mesmo aos raros e distantes jornais na divulgação dos acontecimentos.

Embora por muito tempo esta manifestação cultural tenha atraído a atenção somente de folcloristas, sendo desprezada pela elite culta como obra sem valor literário, a partir dos anos 50 ou 60 sua importância começou a ser reconhecida. Nas últimas décadas, com o avanço de estudos na área de história das mentalidades, o cordel tem ensejado pesquisas voltadas para o universo mental e social do qual faz parte.³⁹

Os temas utilizados pelos poetas do cordel são por demais variados, refletindo sempre, entretanto, a cultura popular e oral existente na região. Manuel Diégues Júnior evoca a existência de dois tipos fundamentais de temática: os temas tradicionais, oriundos do romanceiro lusitano ou ibérico, nos quais situa as aventuras de Carlos Magno e seus Doze Pares de França, as histórias de Pedro Malasartes, de Joana d'Arc, etc.; e os temas circunstanciais, acontecimentos contemporâneos narrados à população, tais como enchentes, crimes, fatos importantes e mudanças de costumes. Nesta última categoria encontram-se títulos como *A seca, flagelo do sertão*, *A vitória do Marechal Castelo Branco* e *a derrota dos corruptos*,

³⁸ Diégues Jr., op. cit., p. 8.

³⁹ MALATIAN, Teresa. Reis e heróis na literatura de cordel. *Estudos de História*, Franca, v. 1, n. 1, p. 43-66, 1994. Vide especialmente p. 43-45.

Brasil, tricampeão do mundo, História de Getúlio Vargas, A marcha dos cabeludos e os usos de hoje em dia, entre muitos outros.⁴⁰

Deve-se atentar para o fato, porém, de que a *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* é sem dúvida a temática mais difundida. Episódios originais do livro de Jerônimo Moreira de Carvalho são desmembrados em inúmeros folhetos, cada qual apresentando parte das apreciadas aventuras do Imperador e seus Pares. Alguns destes, tais como *A Batalha de Ferrabrás*, *A prisão de Oliveiros*, *Roldão no leão de ouro* e *A morte dos Doze Pares* alcançaram grande difusão. Certos poetas populares, entre os quais podemos citar Leandro Gomes de Barros, João Martins de Ataíde, José Bernardo da Silva e Marcos Sampaio, são hoje reconhecidos como grandes criadores e divulgadores do cordel nordestino.

Além da chamada literatura popular, não podemos esquecer a influência carolíngia sobre alguns representantes da literatura erudita brasileira. Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Cyro dos Anjos, Monteiro Lobato, entre outros, traziam entre suas memórias afetivas a recordação da leitura ou da audição das aventuras desde a infância.⁴¹ Mais do que todos, porém, foi Guimarães Rosa quem melhor soube apropriar-se da inspiração fornecida por esta tradição. Maria Isaura Pereira de Queiroz considerava que sua obra máxima, *Grande Sertão: Veredas*, constitui a forma nacional da história de Carlos Magno.⁴² Marilyse Meyer analisa mais longamente tal relação, considerando que as metáforas e a estrutura desta obra remetem diretamente à história de Carlos Magno. As identificações dos personagens com heróis carolíngios definem situações, e o tema cristãos *versus* mouros marca sua estrutura, com uma luta encarniçada entre dois partidos antagônicos.⁴³

A persistência de um imaginário carolíngio em terras brasileiras ultrapassa, porém, o âmbito meramente literário, intervindo também em algumas manifestações folclóricas tipicamente interiores, tais como as famosas cavalhadas. Tratava-se de exibições nas quais era simulado uma espécie de torneio, no qual eram apresentadas e testadas as qualidades dos cavaleiros. Provável reminiscência dos torneios da Idade Média, durante os quais se preparavam os nobres cavaleiros para combates reais, a cavalhada

⁴⁰ Diégues Jr., op. cit., p. 10 e p. 14-15.

⁴¹ MEYER, Marilyse. Tem mouro na costa ou Carlos Magno "reis" do Congo. In: —. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1993, p. 147-159. Vide especialmente p. 149-150.

⁴² Pereira de Queiroz, op. cit., p. 189.

⁴³ Meyer, op. cit., p. 153-154.

penetrou no Brasil sob influência, mais uma vez, portuguesa. Já no século XVI existem registros da realização de cavalhadas na Colômbia,⁴⁴ conhecendo estas uma extraordinária difusão. Segundo Alceu Maynard Araújo, a cavalhada foi praticada em todas as áreas culturais brasileiras, exceto a amazônica. Assinalada por viajantes, escritores ou folcloristas, existem indícios históricos da realização desse exercício em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul - além, é claro, de vastas áreas do Nordeste.⁴⁵ Em alguns locais, a tradição das cavalhadas permanece até hoje; em outros, entretanto, desapareceu completamente.

Na realização das cavalhadas pode-se apontar a existência de dois elementos fundamentais, o lúdico e o dramático-religioso. O elemento lúdico consiste em jogos de destreza e habilidade, em que há disputa e evoluções. Em tais jogos o cavaleiro deverá demonstrar suas qualidades no domínio do cavalo ao mesmo tempo em que recolhe objetos lançados ao chão, ou apanha uma argola pendurada em uma trave por um barbante, sempre utilizando sua espada. Tais desafios devem ser realizados durante um rápido galope, recebendo ovações da platéia que admira o espetáculo.⁴⁶

Já o elemento dramático-religioso revive o combate entre cristãos e mouros através de uma luta simulada, baseada sobretudo na tradição popular sobre Carlos Magno e seus Pares. Nessa elaboração teatral os cavaleiros vestem-se ricamente, e enfeitam seus animais altamente treinados. Trajando azul, os cristãos enfrentam mouros vestidos de vermelho, cores que tradicionalmente os distinguem entre si. O povo aglomera-se para assistir a esta exibição dramática, cujo início dá-se por uma troca de insultos que conduz para uma escaramuça simulada, ao final da qual o partido azul sempre vence. Derrotados, os mouros assumem postura humilde, acabando por converter-se à fé cristã e aceitar o batismo.⁴⁷

Entretanto, esta encenação apresenta inúmeras variações regionais, ao ponto de, em alguns casos, não ocorrer uma dramatização que a associe mais diretamente à herança carolíngia, constando apenas de jogos e pequenas escaramuças entre os oponentes.

⁴⁴ BRANDÃO, Théo. As cavalhadas de Alagoas. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 5-46, mai.-ago. 1962, p. 7.

⁴⁵ ARAÚJO, Alceu Maynard. Cavalhadas. In: —. *Folclore Nacional: Danças, Recreação, Música*. São Paulo: Melhoramentos, 1967. v. 2, p. 265-280.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 267 e p. 280.

⁴⁷ Para a descrição de algumas cavalhadas dramáticas, do passado e atuais, *vide ibid.*, p. 270-273 e p. 276-277.

tes. Analisando uma série de documentos relativos à prática de cavalcadas no Brasil e na Península Ibérica, Théo Brandão acredita mesmo que, em seus primórdios, a cavalcada tenha sido somente a corrida de argolinhas. Posteriormente, destaca esse folclorista, teriam sido agregadas, talvez ainda em terras da Espanha, as demais atividades lúdicas e a parte dramática do evento, sob a influência da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*.⁴⁸ Para tanto, parecem ter contribuído as chamadas mouriscas, lutas simuladas entre cristãos e mouros, encenadas por ocasião de festas religiosas.⁴⁹ Outra manifestação notável é a congada, representação praticada especialmente por descendentes de escravos, na qual há a coroação de um rei africano ou disputas entre duas tribos. Em algumas congadas surge a figura de Carlos Magno e seus companheiros, apresentando-se trechos de suas aventuras. As lutas entre cristãos e mouros surgem ainda em autos de origem ibérica, cuja temática envolve viagens marítimas, denominadas marujada, chegança, fandango, barca, etc.⁵⁰

Cordel, literatura, cavalcadas, mouriscadas..., várias são as expressões culturais presentes em nosso país que evocam fortemente a tradição carolíngia. Nos dias atuais, tais manifestações encontram-se já bastante desgastadas e seu alcance diminuído. Seus antigos defensores e praticantes queixam-se de que a juventude já não pratica os ritos folclóricos em sua plenitude, e que pouco se interessa por sua preservação. Por sua vez, o cordel perdeu muito de seu alcance e funções sociais, devido ao avanço dos meios de comunicação. Parte de sua atribuição recreativa foi substituída pelas rádio novelas ou pelas novelas televisivas, e a própria publicação dos folhetos encontra-se atualmente ameaçada.

Não obstante o presente arrefecimento das tradições culturais ou folclóricas ligadas à tradição carolíngia, estas persistem sobretudo em zonas do interior brasileiro. Historicamente não podemos desconsiderar a grande difusão experimentada pelo ciclo carolíngio em terras brasileiras e sua importância na composição de um prolífico imaginário popular. Criando novos sentidos e apresentando novas significações, a tradição referente à *História de Carlos Magno* recebeu leituras inusitadas, compondo mesmo por vezes um quadro inesperado, tal como ocorreu no transcórre da guerra do Contestado.

⁴⁸ Brandão, op. cit., p. 20-21.

⁴⁹ LAMAS, Dulce. Persistência da temática de Carlos Magno no folclore brasileiro. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 7-29, jan.-dez. 1989. p. 17.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 18-20.

Os Doze Pares de França e o movimento do Contestado

O Contestado foi um movimento social de características messiânicas e milenaristas, ocorrido no início do século em uma zona disputada entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, região que atualmente constitui o meio-oeste catarinense. Esse evento chegou a atingir grandes proporções, motivo que justificou a intervenção do Exército Federal. No auge do avanço dos rebeldes, estes chegaram a controlar uma zona de aproximadamente 28.000 quilômetros quadrados, somando cerca de 20.000 pessoas.⁵¹

Um amplo espectro de causas sociais, econômicas e ideológicas levaram à eclosão desse movimento. A penetração de forças capitalistas na região, representada sobretudo pela construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul, a concomitante transformação da terra em mercadoria e a expulsão dos posseiros que habitavam zonas contíguas aos trilhos foram alguns dos fatores que, somados aos seus desdobramentos ao nível das relações sociais, trouxeram um clima de forte tensão à esta área. Neste momento, a religiosidade assumiu um papel fundamental, catalisando os descontentamentos da população. Unidos de início junto a um "monge"⁵² e, após seu desaparecimento, reunidos para aguardar sua ressurreição, os rebeldes mantinham uma forte ligação espiritual e religiosa entre si. Isso não os impediu, entretanto, de reagirem com grande violência frente aos "peludos" - denominação genérica que identificava todos aqueles que não compartilhavam das mesmas crenças e que não pertenciam à sua Santa Religião.

O imaginário rebelde apresentado durante o movimento apresentou riqueza e complexidade únicas, amalgamando influências culturais aparentemente desconexas entre si. Entre estas encontrava-se a tradição carolíngia, que se ancorou fortemente na região. Essa tradição, porém, não veio simplesmente somar-se mecanicamente a outras manifestações culturais - tais como o monarquismo, o sebastianismo e a religiosidade. Na verdade, a história carolíngia atingiu proeminência no imaginário local devido a sua capacidade de catalisar em torno de si algumas das mais caras preferências culturais daquelas pessoas. Sua relação com os de-

⁵¹ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social* (a guerra sertaneja do Contestado - 1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 199.

⁵² Popularmente denominados "monges", tais figuras eram peregrinos que percorriam a região distribuindo conselhos, rezando e inclusive batizando. Supriam, desta forma, a ausência quase completa da Igreja organizada na região.

mais elementos de seu imaginário criou com estes uma relação recíproca, reforçando significações já existentes e criando novos sentidos no interior do grupo.⁵³

A penetração do ciclo carolíngio na região do Contestado deu-se, ao que tudo indica, através do livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, embora existam dúvidas quanto ao momento em que isso aconteceu. Segundo testemunhos da época do movimento, a obra seria uma constante nas residências locais. Considerava-se que os habitantes regionais

[...] são incorrigíveis admiradores das lendas a respeito do grande filho de Pepino – o Breve –, o heróico Carlos Magno, rei dos francos e Imperador do Ocidente. Em geral, em todos os lares, desde os mais fartos aos mais necessitados, é comum a existência do conhecido livro fantasioso *A História de Carlos Magno ou os Doze Pares de França* - e isso também fá-los propender para as aventuras.⁵⁴

Outras fontes, como as jornalísticas, também destacavam a presença dessa obra entre aqueles que qualificavam inflexivelmente como “fanáticos”. Tal predileção acabou por figurar no rol das manifestações culturais consideradas como “não civilizadas”, demonstrando a “inferioridade cultural” que acometia o grupo:

“Acreditamos que a leitura demasiada do pândego Carlos Magno, que existe em profusão pelas casas sertanejas, ocasionou o desequilíbrio desta pobre gente, que no dizer de Euclides da Cunha, está atrasada de 400 anos em civilização. As histórias cavalheirescas dos Roldão e Gui de Borgonha, pares do grande imperador, fizeram virar a cabeça dos já não mui equilibrados José Maria, velha Querubina e outros pobres diabos.”⁵⁵

É importante, no entanto, matizar tais afirmações. Algumas fontes folclóricas afirmam que a penetração da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* deu-se apenas no decorrer do conflito, motivo pelo qual sua influência, apesar de marcante, não

⁵³ Sintetizamos a seguir algumas das principais conclusões apresentadas na dissertação de mestrado de ESPIG, Márcia Janete. *A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998 (dissertação de mestrado em História). Orientação: Prof. Dr. José Rivair Macedo.

⁵⁴ d'ASSUMPCÃO, Herculano Teixeira. *A campanha do Contestado* (as operações da Columna do Sul). Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917, v. 1, p. 211. d'Assumpção foi primeiro tenente na expedição Setembrino de Carvalho, organizada pelo governo federal para combater os rebeldes. Mais tarde contou suas experiências na obra supracitada, demonstrando ser um cronista bastante observador.

⁵⁵ *Folha do Comércio*, Florianópolis, 26 mar. 1914 (Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

representaria uma predileção cultural antiga, mas sim recente.⁵⁶ Não restam dúvidas, entretanto, sobre a elaboração de leituras públicas do livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* durante o movimento, muito embora não tenhamos informações acerca da edição utilizada, sua forma (em prosa ou poesia), nem tampouco sobre os comentários que recebia. A relevância alcançada por essa obra pode ser atestada sobretudo pela instituição de uma guarda especial denominada justamente Doze Pares de França.

Esse grupo inicialmente possuía funções de conselho deliberativo e era formado por alguns notáveis entre os rebeldes, pessoas respeitáveis que auxiliavam os líderes em suas decisões. Com o acirramento do conflito, houve uma mutação em sua função, seus objetivos e seus componentes: esses passaram a ser alguns dos sertanejos mais valentes e corajosos, e sua principal atribuição evoluiu para a defesa dos redutos,⁵⁷ como um piquete de elite. Diferentemente dos Pares medievais, os Doze Pares sertanejos contavam, na verdade vinte e quatro homens, pois interpretavam a dignidade de “par” (que no livro indicava o fato dos cavaleiros serem iguais entre si) como dupla de guerreiros. A dedicação aos combates por parte desse grupo de elite era motivo para o pavor de seus adversários. Como atesta um jornal da época:

“As trincheiras descobertas, ou antes, pequenas cavidades que mal continham um homem de cócoras, estiveram sempre durante o combate guarnecidas por jagunços que aguardavam o assalto para a luta corpo a corpo. Eram os Doze Pares de França, isto é, 24 combatentes dos mais fortes e mais fanatizados acompanhados de outros, infelizes vítimas das artimanhas do tal Eusébio.”⁵⁸

Os Doze Pares sertanejos acumulavam uma série de funções, além da defesa dos redutos, entre as quais se destacavam sua guarda interna, o enterramento de companheiros mortos em combate e a celebração de casamentos, como juizes de paz. Pertencer a esse nobre grupo possibilitava aos sertanejos sobressair-se frente aos demais, e alguns dos mais importantes líderes do movimento foram, anteriormente, Pares de França.

A formação dos Doze Pares de França rebeldes relacionou à leitura da *História de Carlos Magno* outros aspectos fundamentais

⁵⁶ FELIPPE, Euclides José. *O último jagunço*. Folclore na história do Contestado. Curitiba: Universidade do Contestado, 1995, p. 64.

⁵⁷ “Reduto” foi o termo pelo qual ficaram conhecidas as vilas nas quais os rebeldes se reuniam e moravam.

⁵⁸ *Folha do Comércio*, Florianópolis, 26 mar. 1914.

de seu imaginário, motivo pelo qual a gesta recebeu uma significância redobrada junto àquele grupo. Fundindo-se ao forte componente religioso existente na região, o grupo dos Doze Pares de França foi também denominado Doze Pares de São Sebastião, Cavaleiros ou Apóstolos de São Sebastião.⁵⁹ Nesse processo sincrético, reuniu-se à história dos cavaleiros carolíngios o imaginário atribuído à figura mítica de São Sebastião, santo padroeiro do sertão de quem se esperava o auxílio sobrenatural em momentos de dificuldade, através de um miraculoso Exército Encantado. Como Apóstolos de São Sebastião, os Doze Pares de França portavam bandeiras consideradas curativas, que teriam a virtude de salvar os feridos que nelas tocassem; além disso, possuíam ainda poderosas orações, cosidas em patuás, cuja finalidade era fechar-lhes o corpo.

Uma certa relação entre a tradição carolíngia e o imaginário existente no Contestado pode ser percebido através de outros indícios. O particular monarquismo presente na região encontrava também eco nas páginas da *História de Carlos Magno*, em que ocorre a defesa incondicional do regime monárquico, representado pela figura magnânima e devota do rei franco. Como já vimos, o soberano é descrito nesta tradição como um representante divino, e seu poder decorre de sua devoção a Cristo e à Igreja.⁶⁰

Nos sertões catarinenses atribuíam-se à monarquia um caráter divino, acreditando-se mesmo que a restauração do regime depositado em 1889 marcaria o retorno de uma era de paz e abundância. Veja-se, a respeito, estes trechos de uma carta enviada por um rebelde a um compadre que o instava a entregar-se às forças militares:

“[...] lembre-se do que eu lhe disse tantas vezes que a lei que Deus *deixô* no mundo é a lei de rei e essa é a que estamos esperando e se Deus quiser *avemos* de ver se Deus quiser...”

⁵⁹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *La "Guerre Sainte" au Brésil: Le mouvement messianique du "Contestado"*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1957, p. 152. Queiroz, op. cit., p. 209. MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 111.

⁶⁰ CARVALHO, Jeronimo Moreira de. *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França traduzida do castelhano por Jeronimo Moreira de Carvalho dividida em duas partes e nove livros e seguida da de Bernardo del Carpio que venceu em batalha aos Doze Pares de França escripta por Alexandre Caetano Gomes Flaviense*. Paris/Rio de Janeiro: Garnier, s. d., p. 373.

[...] lembre-se bem que o primeiro governo que nós *sabia* que tinha era o Império e esse é que estamos esperando e se Deus quiser *avemos* ter nem que chova sangue.”⁶¹

Sobressai nesse caso a marcante associação entre a monarquia e uma lei divina, restando à República uma imagem negativa, como a “lei do diabo”.⁶² Tal representação devia-se a diversos fatores, entre os quais se destacam a simpatia popular por D. Pedro II e o período de dificuldades econômicas e sociais aparentemente inaugurado pelo regime republicano. Após o início dos combates contra as forças militares, com a matança e destruição causadas nos redutos rebeldes, confirmava-se seu papel “demoníaco”: a República encarnava o mal e se aliava aos inimigos dos caboclos na tentativa de despojá-los de suas terras.⁶³

Devemos reconhecer ainda que alguns valores significativos para os sertanejos da região do Contestado encontram-se contemplados nas páginas da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*. São eles o sentimento de honra e a valorização dos laços familiares; além disso, a utilização da astúcia, do engodo e de pequenas trapaças apresentam-se tanto na história do Contestado quanto na obra que retrata as aventuras carolíngias.

O historiador Robert Darnton, pesquisador incansável dos hábitos de leitura de nossos antepassados, afirmou de maneira muito perspicaz que o ato de ler treina a pessoa não para a leitura, mas para a vida.⁶⁴ No Contestado vislumbramos tal assertiva em toda a sua extensão. A leitura da *História de Carlos Magno* não permaneceu desvinculada da experiência cotidiana dos homens e mulheres que a ouviram, mas estabeleceu com esta uma relação profunda e criativa. Valores e conhecimentos presentes na obra conjugaram-se a representações fundamentais existentes na região. Criando sentido e reforçando antigas crenças, o ciclo carolíngio atingiu em cheio a preferência popular e influenciou o movimento em sua organização, através da formação do grupo dos Doze Pares de França caboclos. Surgindo como uma possibilidade dialética de trocas culturais, a aparição e a leitura da gesta em sertões catarinenses demonstra o alcance e a intensidade da lenda carolíngia em nosso país. Distante séculos da figura histórica e real

⁶¹ CARVALHO, Fernando Setembrino de. *Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916, p. 13.

⁶² d'Assumpção, op. cit., p. 79.

⁶³ Sobre este aspecto, *vide ibid.*, p. 246.

⁶⁴ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 291.

de Carlos Magno, o Contestado nos prova que, em se tratando de nexos culturais, o distante pode estar muito próximo, por vezes dentro de nós mesmos.